

itinerário

Seguir os passos do poeta na cidade é seguir o ritmo do seu coração, num itinerário de solidão, desfeito pelo tempo. A ausência arrancou rebocos, enferrujou grades, roeu pedras e afugentou tertúlias pondo Bancos no lugar. Lisboa. Só a nostalgia nos devolve Pessoa e Tejo e tudo...

José Amaro Dionísio



ATÉ MESMO visto do Largo de S. Carlos o carrilhão parece tocar a casa. Percebe-se bem que as «dolentes badaladas» dessa torre tenham marcado para sempre os passos do poeta na cidade e o ritmo do seu coração. Ei-lo de olhos muito gravados agarrado ao ferro da varanda, ou de braço estendido na direcção dos sinos ao colo da mãe — seios esplêndidos, mãos íntimas, os cabelos de um castanho-claro que a brisa do Tejo desalinha agitada pelas colunas do teatro. «Pobre velha casa da minha infância perdida / Quem te diria que eu me desacolhecesse tanto! / Que é do teu menino? Está maluco. / Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto provinciano? / Está maluco.» A aldeia morreu. E o largo um cemitério de automóveis em que a própria PSP inscreveu no chão alcatroado matrículas e cercas de tinta. Às paredes do 4.º andar caiu-lhes o reboco, a grade da sacada enferrujou — e o destino da casa continua num impasse entre ameaças de falência do senhorio e promessas de compra da Câmara. O muro contra o qual o «menino da sua mãe» lançava a bola de borracha, pondo o mundo a seus pés, jaz tapado pelos carros. Tudo assim já então fora e talvez Fernando Pessoa, essa totalidade fragmentada, não tivesse sentido o abandono de casa aos cinco anos a caminho de Durban pela mão do padrasto intruso como um trauma irremediável. A mítica partida «pela escadaria espaçosa e clara» permaneceria decerto um dos tormentos centrais da sua errância, mas sem a nostalgia «da música lânguida e triste» que desde então o levará a deslocar tudo para a morte — e sem dar nas vistas, porque é de um corpo trémulo que se trata.

O itinerário desfeito

Passado o interregno de Durban vamos encontrá-lo nos números 38 e 40 da rua da Conceição da Glória. Com 19 anos, sem vocação corrente e de posse de uma pequena herança, aqui tenta a sua primeira sorte de homem: montar uma tipografia. Rua hoje de má vida e de má fama, foi-o ontem de pouca fortuna para o jovem estrangeirado. Íbis faliu, se porventura as tais máquinas a vapor compradas de saldo em Portalegre alguma vez chegaram a trabalhar. O lugar do fracasso é agora tasca de bairro, como convém a

uma biografia que trouxe a vida sussurada ao vidro vermelho dos metais, essa cor do vinho.

A peregrinação do «correspondente em línguas estrangeiras» por comissões e consignações vai começar. Durará 30 anos, numa geografia do tédio por toda a baixa pombalina, donde não mais voltará a sair — até a Sintra foi ao volante de um Chevrolet que nunca conduziu! Rossio e Terreiro do Paço, Praça do Comércio e Campo das Cebolas, Rua da Prata e do Arsenal, da Vitória e da Betesga, da Madalena e de S. Julião, eis o itinerário alheado do «Sr. Pessoa», empregado de escritório avulso. A criatura que por aí se mexe será sempre um drama em gente, acossado, naufrago e amargo. Um nome para isto? Solidão, claro, se a palavra ainda fizesse algum sentido. «Amo pelas tardes demoradas de Verão o socégo da cidade baixa... Tudo me conforta de tristeza... Não há diferença entre mim e as ruas

para o lado da alfândega, salvo elas serem ruas e eu ser alma, o que pode ser que nada valha.»

A maior parte deste mapa desapareceu — Lisboa e Tejo e tudo. Logo descendo da tipografia Íbis, já no Rossio o poeta não poderia reencontrar a tertúlia do Martinho — é o Banco Fonecas & Burnay. Mais abaixo, onde no n.º 52 a seguir ao Gelo foi a Brasileira do Rossio, é agora outro banco, Português do Atlântico. A Brasileira do Chiado ainda existe, é verdade, mas com tudo a monte: bifes, bicas e turistas. No 74 da rua da Assunção, mais um banco. Ou melhor: a União de Bancos Portugueses. No 1.º andar foi o Café Moñtanha, assembleia mais ou menos ruidosa da trupe aos domingos: Pessoa, Almada, Botto, Sá-Carneiro e tantos outros. Aqui o poeta conheceu João Gaspar Simões, o biógrafo de quem todos falam mal mas aonde todos vão beber, e sem o trabalho do qual muito da

Os passos da morte

E contudo estamos na época áurea do primeiro número de Orpheu, de **Céu em Fogo**, do **Manifesto Anti-Dantas**. Pessoa, escanzelado, com os ossos a furar-lhe a pele, escreve a uma mesa de canto à conta do papel da leitaria. «É uma circunstância violenta e aflitiva — diz num SOS a Armando Cortes Rodrigues —, você pode emprestar-me cinco mil réis até ao dia 1 do mês que vem?»

Contra a vida

Como se tudo não bastasse — até de «O Jornal» vão pô-lo na rua por incompetência —, a mãe acaba de ter o ataque que a deixará entevada e disforme para o resto da vida e Sá-Carneiro está a suicidar-se em Paris e não pára de mandar recados a implorar remessas de dinheiro seja de que maneira fôr para as últimas extravagâncias. O poeta — prestes a parir a **Ode Marítima** e que bem poderia ser nesse período a encarnação viva de um qualquer M à Fritz Lang — vê-se obrigado a correr alfarrabistas e casas de prego em obedientes missões de urgência. Ao princípio da noite irá aos correios enviar o dinheiro ao amigo para de seguida descer à tasca onde come fiado — na Rua dos Douradores, o tal cenário mítico do ajudante de guarda-livros Bernardo Soares, que aqui inventará o escritório do patrão Vasques, do chefe Moreira, do caixa Borges, do moço de fretes António e do gato meigo. «É recolhido-me, como ao lar que os outros teem, à casa alheia, escritório amplo, da Rua dos Douradores. Achego-me à minha secretária como a um baluarte contra a vida.» É o microcosmos nietzschiano do **Livro do Desassossego**. A matriz desta ficção estaria de facto no 1.º andar do número 71 da Rua da Prata, escritório da firma Moitinho de Almeida, para a qual o Sr. Pessoa trabalhou uns 15 anos. É no «tédio estival» desse andar de «prateleiras arrumadas», hoje armazém quase sempre encerrado de uma empresa de transportes marítimos, que fora de horas podemos encontrar o poeta a bater de empréstimo a obra «sobre a grande idade da secretária inclinada». Antes, a meio caminho do expediente da manhã, é muito provável que o vejamos levantar-se da Royal, meter um vale de 20\$00, pôr o chapéu, compor os óculos, murmurar: «**Vou ao Abel.**» E

(Continua na pág. 44-R)



A fotografia do «flagrante delíto» e um lugar no Mosteiro dos Jerónimos

coisa Pessoa teria para sempre ficado sepultada.

Lôbrego sótão

Encontrar o roteiro vivo do pai de Orpheu não é ainda dar uma saltada aos Irmãos Unidos, nas costas da Suíça — também aqui tudo o que resta é o nome. O bar transformou-se num desses fantasmas de latão onde se come depressa e de pé, apesar de uma avarenta esplanada ao sol da Praça da Figueira. Há contudo um velho empregado que diz ter conhecido Pessoa. «Sou o único do tempo dele», afirma com orgulho e sem deixar de correr de um lado para outro. Que idade tinha? «Era miúdo». Como era o bar nessa altura? Está a trabalhar, e a contar dinheiro, não tem vagar para histórias do Fernando Pessoa.

Outros tempos, esses, de quando entre poetas e criados de café se estabelecia uma cumplicidade que neste mesmo bar salvou Pessoa dos fanáticos de Afonso Costa que o

queriam lixar — há quem diga que linchar. Prevenido pelos empregados escondeu-se numa galinheira e safou-se, talvez a caminho do «lôbrego sótão» que nessa altura habitava no n.º 12 da Almirante Barroso, uma tal Leitaria Alentejana de um sr. Sengo que acompanhara as noites da Brasileira do Chiado e que por amizade ofereceu abrigo ao cavalheiro esfingico que atravessava um dos seus cíclicos períodos de literal miséria. O lugar é hoje uma tasca de balcão corrido e postas de carapau do alto fritas. O dono não faz evidentemente ideia nenhuma desse passado, nem se esperaria que fizesse. Já ouviu falar de Fernando Pessoa, como toda a gente, e como toda a gente acha que pessoas em Portugal só são boas depois de mortas. Constatação que o leva a pensar que assim como assim mais valia escrever-se um artigo sobre o Benfica. Esse ao menos chegou à final do campeonato da Europa!

(Continuação da pág. 43-R)

«Primeiro estranha-se, depois entranha-se...»

no depósito vizinho de Pereira da Fonseca toma um cálice de aguardente, ou vários cálices, ele que faz questão de beber como uma esponja. Melhor dito: «Como um armazém de esponjas com anexo.» Num certo dia de 1929 deixar-se-á fotografar com um copo de vinho tinto na boca para em seguida mandar o «flagrante delicto» a Ophélia e desse modo propor-lhe um segundo período de namoro — «namoro para bom fim», claro; nada de amantes.

Por uma dessas tardes volta ao escritório e escreve o «slogan» à coca-cola que quase levaria o sr. Moitinho à falência: «Primeiro estranha-se. Depois entranha-se.» O dr. Ricardo Jorge não gostou e manda apreender e inutilizar o produto... tóxico, como bem se vê pela publicidade descarada.

Fashion e arrings

Na esquina em frente, outros dos parapeiros célebres da «peregrinação ad loca pessoana»: a tabacaria Havaneza dos Retroseiros. «O dono da tabacaria chegou à porta e fi-

cou à porta... Ele morrerá e eu morrerei... Ele deixará a tabuleta e eu deixarei versos... Sempre uma coisa tão inútil como a outra... Sempre o impossível tão estúpido como o real... Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra...» A tabacaria do Alves é hoje uma loja de malas de pele e carteiras de «calf», porta-chaves de cabedal e sacos de verga, «fashion e arrings», onde se pode comprar em eurocheque, «maxi card» ou executivo BNU. O tédio estival deu lugar a um «week-end» permanente de carros, buzinas, aceleras, rostos crispados, gente aos encontrões, «losers» de trouxas de cartão às costas, zaragatas, apalpas,

carteiristas, simulacros de esplanadas, e a envolver tudo a bênção de óleo dos tubos de escape de um trânsito para o inferno.

Encontrar uma primeira relíquia de topografia ainda pessoana seria a gente deixar-se cair na Leitaria Camponeza, à esquina da Rua dos Sapateiros, refúgio de meia dúzia de românticos e abrigo de putas deserddas a quem o patrão vai dando fiado. Neste sábado à tarde é já morta de alma a mulher que ao balcão pede um bolo de chocolate e uma garrafa de leite. «É para fazer as contas hoje?», quer saber o proprietário. Não, ainda não. «Cuidadinho, cuidadinho...» «Ainda não devo três contos, já devi mais.»

«Bem.» Uma equipa da televisão dinamarquesa prepara-se para filmar este espaço de 1908 e outros sobreviventes da cidade, lá na ponta da rua, o cinema Animatógrafo, que se vai safando com «hard core» de 1.º escalão. Hoje em cartaz Traci Lords e Little Oral Annie nos principais papéis de **No Pinhal É Que É Bom.**

Em frente e conforme ao Livro do Desassossego, a Rua dos Douradores é das artérias mais áridas de toda a baixa pombalina, a única que à distância não desfalece no cheiro de vinhos e petiscos. Quase tudo aqui são armadilhas de vidro acrílico, acetatos e «nylon», chapas onduladas e placas de cobertura. Sim, há aquela Casa Chung, de artigos orientais... Só na ponta final, paredes meias com a Praça da Figueira, a rua se torna um pouco mais humana graças a três ou quatro aposentos de comes e bebes, um dos quais de nome Pessoa, precisamente.

Crepúsculo

Perto daqui está o número 42 da Rua da Assunção, cujo 2.º andar é igualmente outra das mecas do sepulcro pessoano: aí funcionava a firma Félix, Valladas & Freitas, Lda., onde por finais de 1919 o poeta conheceu a dactilógrafa Ophélia Queiroz, rapariguinha casta e casadoira que ora se deixava seduzir ora lhe fazia as cruces. «Porque não é franca comigo? Que empenho tem em fazer sofrer (...) a quem já tem por peso e dor bastante a própria vida isolada e triste (...)?»

Este desassossego, que noutro 2.º andar da mesma rua mas no n.º 58 recebeu novo golpe com a tentativa falhada da Olysipto, ia o poeta afogá-lo a dois passos dali, ao Terreiro do Paço, no que ficaria como sendo o lugar por excelência lendário da sua rota em vida: o Martinho da Arcada. O homem que aí vemos entrar para ir sentar-se àquela mesa de mármore preto, meio bêbado, a fralda da camisa descaída, será cada vez mais um pária de si mesmo, nariz judaico, tronco débil, peito chato herdado do pai turberculoso, doente de gripes e bronquites duas e três vezes em cada Inverno. Tal como a Brasileira do Chiado fora o palco da sua relativa juventude, o Martinho da Arcada estará, ao longo de década e meia, no caminho de um crepúsculo de ruínas. «A solidão desola-me, a companhia oprime-me.» Botto, outro marginal, será um dos que mais se

sentarão à sua mesa. Aqui faz Pessoa a redacção final de **O Guardador de Rebanhos**, escreve algumas das suas poucas cartas de amor («Estou no Martinho da Arcada, são três e meia da tarde...»), dará andamento a horóscopos, versos, fragmentos; traduções, prefácios, estudos, preceitos de contabilidade e a parte da correspondência com Sá-Carneiro. Sá-Carneiro que anos antes, profético como é próprio dos visionários, lhe havia dito numa carta: «Acima de tudo me arreia a ideia sem espelhos de, sem remédio, novamente fundear no Martinho... Não sei porque esse café — não os outros cafés de Lisboa, esse — deu-me sempre a ideia de um local onde se vem findar uma vida: estranho refúgio, talvez, dos que perderam todas as ilusões, ficando-lhes só, como magro resto, o tostão para o café quotidiano — e ainda assim, vamos lá, com dificuldade.»

Com dificuldade, de facto. Muitas vezes a mulher do sr. Sá Mourão, dono do Arcada, lhe dá de comer. E, no entanto, este homem que tenta manter o aspecto «british» de um «gentleman», mas que está de facto um alcoólico de nariz vermelho e beijo flácido, era já a figura tutelar de uma geração de génios escangalhados que só não mudaram Portugal porque em Portugal tudo foi mudando de tal maneira para pior que chegámos onde estamos: de Sá-Carneiro a Santa Rita Pintor, de Amadeo a Almada, Botto e Ângelo de Lima, Florbela, Gomes Leal ou Camilo Pessanha. De nada lhes serviu a consciência do mal: «Há três coisas com que um espírito nobre nunca brinca: os Deuses, a morte e a loucura.»

Testemunha viva desse passado, a filha de Sá Mourão, D. Albertina, tem ao longo do tempo resistido às mais tentadoras ofertas para ceder o café, e o Arcada mantém-se. Mal dando para as despesas, mas mantém-se. A velha senhora não esconde que tem com aquele espaço uma relação afectiva particular, que lhe vem justamente do tempo em que, criança, via a mãe acolher ao fundo da sala uma criatura já então com o fato amarrado, as calças curtas, os braços a fugir-lhe das mangas.

Apesar da tinta a cair das paredes e dessas latas de sumo empalidecidas que são o primeiro sinal da decadência de uma venda, o Arcada mantém um certo ar fim de século, sombrio, cúmplice, inti-

(Continua na pág. 46-R)

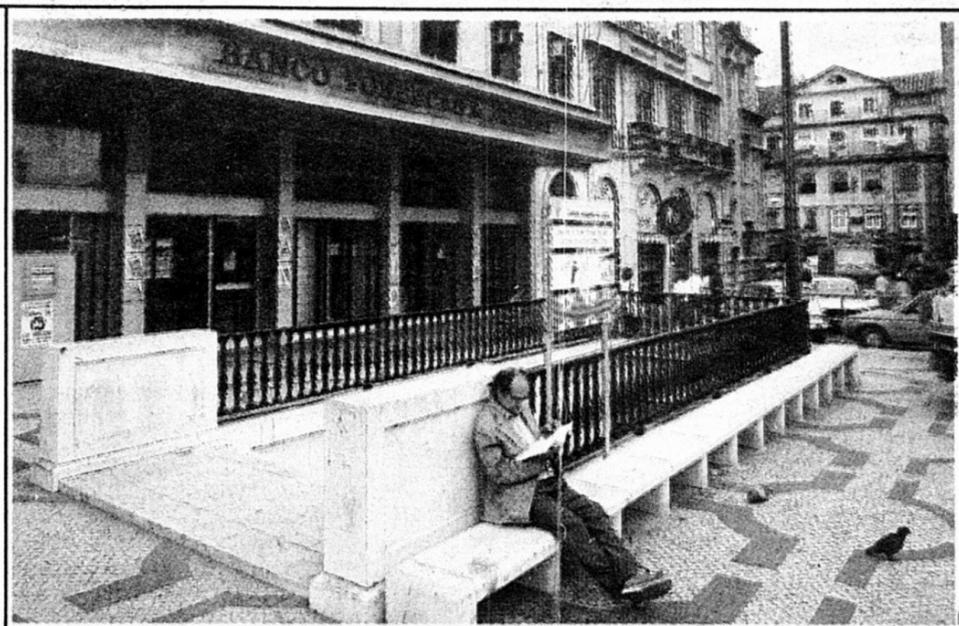


Fotos António Pedro Ferreira

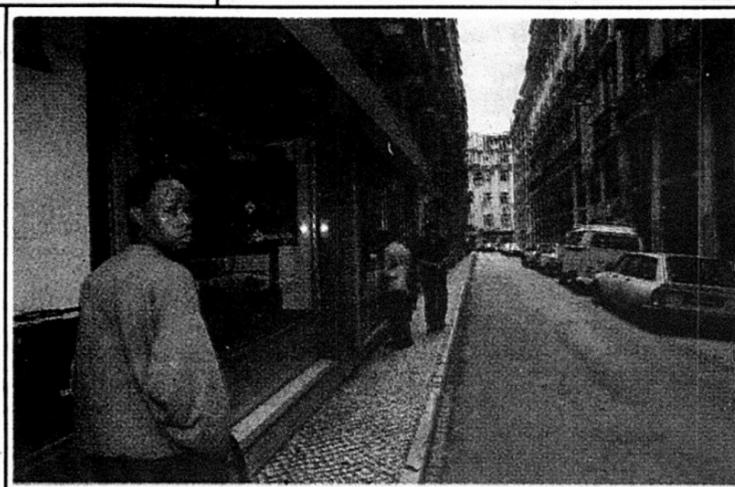


A rapidez de um serviço de qualidade.

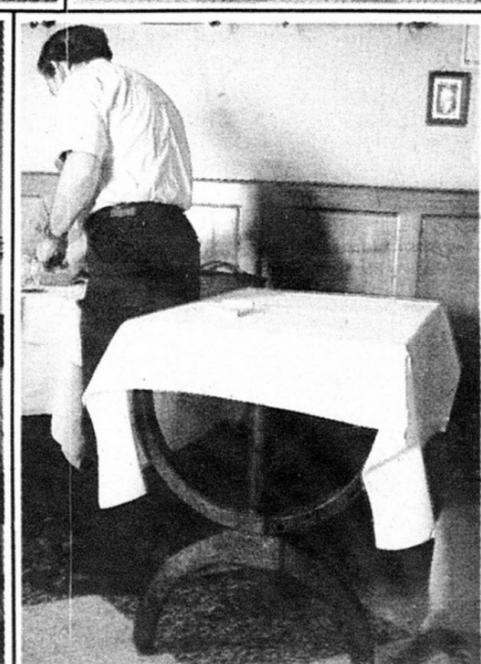
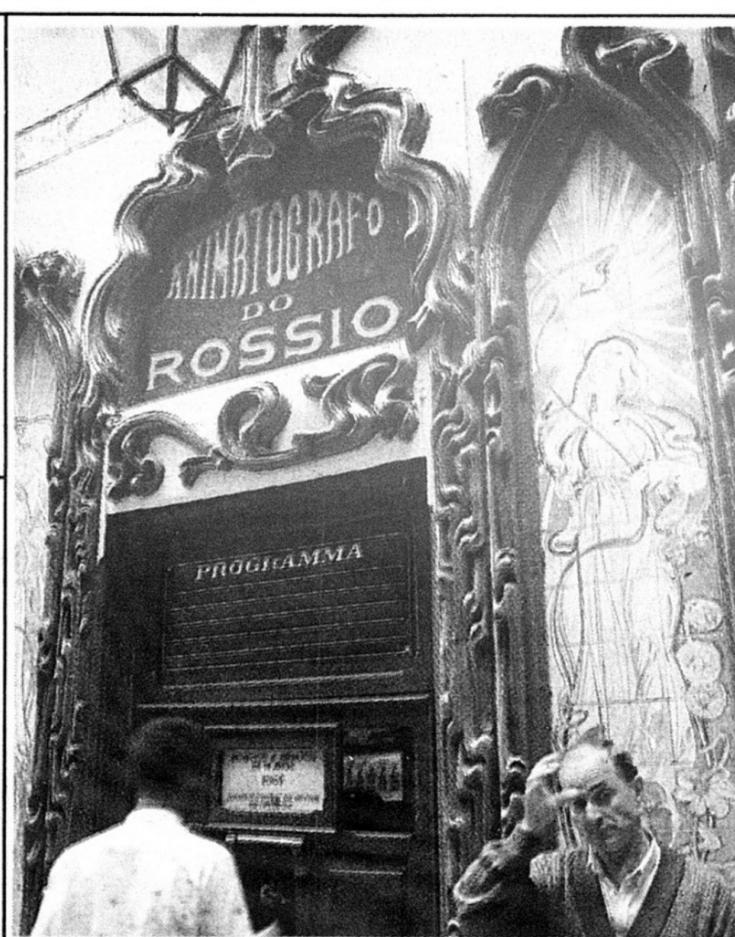
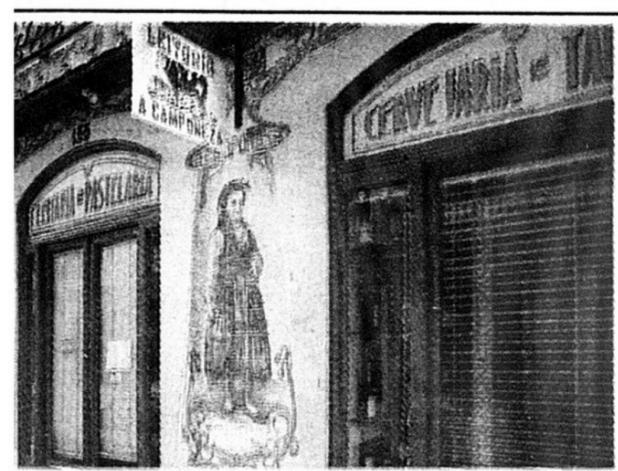
Sabemos como é difícil unir a rapidez e a qualidade num único serviço. No entanto, a tecnologia Kodak alia a rapidez dos mini-labs ao controlo de qualidade do sistema computadorizado Technet. Onde vir o símbolo KODAK EXPRESS tem, portanto, a garantia de receber as suas fotografias com rapidez e qualidade.



A casa do nascimento, no Largo de S. Carlos e o banco onde no Rossio foi o Martinho da Arcada. O futuro da primeira continua num impasse e o destino da segunda repete o que aconteceu a outros lugares do itinerário pessoano.



A Brasileira do Chiado, hoje mais ou menos um «snack», e a Ruada Douradores, cenário do Livro do Desassossego e de um «Restaurante Pessoa»



A Leitaria Camponeza e o Animatógrafo, em cima à esquerda: duas reliquias numa paisagem destruída. Na esquina em frente ao Moitinho foi a tabacaria do Alves, e do Álvaro, o de Campos. Do cais das Colunas ao Martinho, na mesa que foi de Pessoa nos últimos 15 anos, para uma luz crepuscular.

«Fiz de mim o que não soube»

(Continuação da pág. 44-R)

mo, onde a meio da tarde pode ter-se a sensação de que o tempo parou. E oferece essa coisa rara nos cafés da Lisboa de hoje que são mesas separadas entre si — e mesas de tempo de pedra, suficientemente altas para que se possa cruzar as pernas.

Graças à teimosia da D. Albertina e à ajuda da Associação Pessoaana dos Amigos do Martinho da Arcada (APAMA), o espaço foi declarado de interesse público e o arquitecto Raul Hestnes Ferreira — filho de um poeta, ainda bem, José Gomes Ferreira — trabalha num projecto que irá rentabilizar o café não apenas sem o destruir mas restituindo-lhe o rosto original. As obras custam 30 mil contos. O mecenato privado dá 15 mil, a D. Albertina outros 15 mil, de um empréstimo, e o Estado, para manter a tradição, fica a olhar.

No rasto de algumas iniciativas da APAMA, os jovens voltam a aparecer pelo Martinho da Arcada e revimos essa saudosa pose de criaturas de caneta na mão e olhar vago, espécies ao que parece finalmente inteligentes de uma raça — romântica, graças a Deus! — que se julgaria perdida na indecorosa brasa dos últimos anos. E acresce que nem tudo nesse clima são poetas de ruga franzida à procura de inspiração, o que pareceria monótono. Com um pouco de sorte ouvir-se-ão as confidências de um qualquer «winner» de pasta à Bond ou de um verdadeiro alentejano de boné puxado e cigarro ao canto da boca a congeminares negócios e subsídios da CEE — a Bolsa fica ao lado e o Terreiro do Paço continua a ser o berço dos ministérios. E que negócios, santo Deus! Um tinha ganho 15 mil contos em 5 minutos 5, luxúria só comparável a poemas assim: «*Outra vez te revejo, Lisboa e Tejo e Tudo / Transeunto inútil de ti e de mim / Estrangeiro aqui como em toda a parte / Casual na vida como na alma.*»

Os sonhos também se abatem

Ode Marítima, Lisboa Revisitada — mas também **O Sentimento dum Ocidental** —, o Cais das Colunas não é exactamente a aldeia morta do Largo de S. Carlos, mas a maré negra dos esgotos da cidade onde ratazanas de quilo e meio fazem o seu palácio. Há uma luz límpida pelos fins de Maio que ao nascer do dia abre o Tejo desde o Mar da

Palha à barra. É a altura, muito breve, em que as padarias emprestam um cheiro quase saloio a certas ruas de Lisboa, em que os empregados do talho vêm à porta acabar de abotoar a bata, os eléctricos passam quase vazios, os homens da praça chegam ao mercado com as mulheres enfiadas no atrelado das couves, o tráfego e o tráfego da cidade estão por um instante suspensos. Nessa passagem sem horas, garotos da babugem armados de

arame e com os pés na lama atacam nos buracos da escadaria, que passou à história como uma «**saudade de pedra**», pequenos caranguejos que ainda não aprenderam a viver ao largo. 130 mil pessoas irão embarcar e desembarcar ao longo do dia destes cacilheiros de uma água que foi outrora «**a pequena verdade onde o céu se reflecte**», mas que hoje serve de latrina diária a 244 toneladas de uma porcaria ao que parece chamada carência bio-

química de oxigénio. Cachos humanos uns sobre os outros atropelar-se-ão nas zebras de peões à mesma velocidade e com a indiferença dos rodados «scania» que fazem tremer o macadame — esse deus cidadão de Krus Abecasis. Ao fim da tarde, quando as grandes chaminés do Seixal e do Barreiro já povoaram o céu de uma morte imprópria, pescadores de águas turvas esperam o nada. No meio da praça, na que terá sido uma das mais belas contemplações da cidade, um parque obscuro cavará mais um cemitério de automóveis. E sobre os passeios, a atravessar arcadas e corredores, colunas e talhas, estarão os próprios volvos, mercedes e solaras dos nossos ministérios. Com os motoristas à maneira, mãos nas

algibeiras, fatos azul-escuro, a dar cavaco às últimas cotações da Bolsa — e o maldito parque de estacionamento em frente, senhores! «**Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito!**»

De pessoa a pessoa

Hora absurda à luz de uma sexualidade que tem alimentado lendas mas que a ser verdade nos devolveria um homem bem mais terrestre e casual do que a biografia deixa pensar, essa em que o poeta, a acreditar no seu amigo Peixoto Bourbon, desceria à Rua do Ferragial para se encontrar com uma amante — num bordel, nem mais nem menos. Fernando Pessoa com uma amante na rua do Ferragial! Bah!

Foi esta de facto uma

das catedrais da antiga Lisboa das prostitutas. Quase tudo eram casas de perdição: do 7 ao 29 e do 32 ao 38. A última a fechar, sob o manto diáfano da hipocrisia salazarista, teria sido o número 11, que servia em dois andares: o 1.º para os pobres e o 2.º para os ricos. É possível que o poeta na última fase da sua vida, saído de tabernas e carroarias, deambulando a desoras pelas ruas de Lisboa, precocemente envelhecido, passasse mais ou menos em pessoa por aqui — ele ou um seu duplo por descobrir. Diz a história do bairro ter sido a Rua do Ferragial frequentada por notáveis que em grandes espadas traziam as suas senhoras (senhoras amantes, já se vê) à revista, ou seja: à inspecção sanitária. Umhas vezes subiam com elas, outras não. Quando não, esperavam cá em baixo entre a familiaridade da vizinhança, alargados em cadeiras gentilmente oferecidas, escutando empenhos e fazendo promessas. Ou aproveitavam a ocasião para sentirem de perto o tal cheirinho a alecrim da casa portuguesa com certeza. O bairro era de resto conhecido pelo timoneiro de Orpheu, que na rua de cima, a Vitor Cordon, se reunira anos a fio com o grupo que viria a lançar a revista na Cervejaria Jensen, que foi no lugar onde hoje está o muro que faz esquina com a António Maria Cardoso.

O Ferragial veio a transformar-se em mais uma das ruas caídas de Lisboa, com prédios inteiros em derrocada. Apenas um barzinho pulha, vizinho de uma pensão, guarda a lembrança do passado com raparigas que fazem aí as suas permanências.

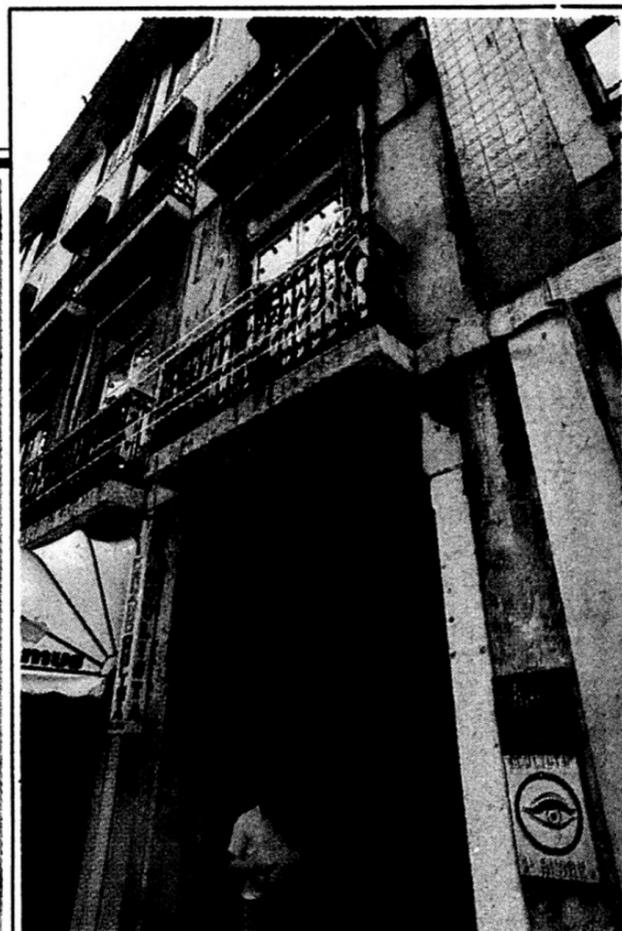
«E-xis-tir»

O poeta está agora no 1.º andar dt.º do n.º 16 da Rua Coelho da Rocha, a Campo de Ourique, sua morada dos últimos 15 anos de vida. É a casa do reencontro com a mãe, que de volta de África e semiparalisada lhe pede que a alugue.

Cabalístico, mediúnico, convencido pelo horóscopo que a si próprio comete de que vai morrer cedo, Pessoa passa noites acordado a ordenar a obra mal parada pelas malas e caixotes que arrastou por mais de quarenta casas e quartos alugados: 30 mil papéis onde não faltam poemas em indecifráveis envelopes, facturas comerciais, folhas de agenda, bilhetes, impressos, guardanapos de taberna. A última foto-

O último retrato. Pessoa cabalístico, mediúnico e recusado num concurso para bibliotecário





Fotos António Pedro Ferreira

Rua do Ferragial, onde o poeta teria tido uma amante num bordel, e o escritório do namoro platónico com Ophélia

grafia, de 1935, mostra-o com grandes entradas, uma ligeira barriga, óculos de lentes finas mas aros muitos grossos, o colarinho da camisa a fugir-lhe para cima do casaco. Recusado num concurso para bibliotecário, finalmente incompatibilizado com o regime, continua a fazer «escritas» durante o dia. Fica depois acordado pela noite fora, fuma cigarros atrás de cigarros, bebe até ter que beber, caminha do quarto para os corredores e dos corredores para o quarto na casa muitas vezes na penumbra. Antes de subir ao primeiro andar desse prédio, também hoje, despejado de quase a cair, passa pela Leitaria Trindade, à esquina da rua, no exacto sítio onde agora está um pequeno passeio triangular com sinalizações de trânsito, e pede uma caixa de fósforos, um ou dois maços de cigarros e uma

macieira. Não tem dinheiro, mas o seu amigo Trindade dá-lhe fiado. Quando morreu ainda aqui devia 600 mil réis, o dobro do que ganhava ao fim do mês pela sua burocracia ambulante — e pouco antes tinha pago parte da dívida com o dinheiro que recebera do célebre segundo prémio do SNI que em primeiro lugar distinguira o sr. frade Vasco Reis. Guarda os cigarros e os fósforos, tira a garrafinha preta da pasta de cabedal que o taberneiro vai lá atrás encher de aguardente e bebe, de um trago, a macieira em cima do balcão. Já foi proibido várias vezes de beber, mas continua. «Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me? / Não: vou existir. Arre! Vou existir./ E-xis-tir. / E-xis-tir...» Tosse, tosse muito, tem agora um pigarro de alcoólico que se ouve ao longe. Põe a gar-

rafinha na pasta e retoma à socapa as ruas dessa pequena burguesia de Campo de Ourique mais ou menos remediada, mais ou menos sonolenta, espreitando atrás das cortinas ao menor ruído, temente a Deus e ao Estado Novo, que ele tanto exaltara ao longo de tantos anos. «Fiz de mim o que não soube / E o que podia fazer de mim não o fiz. / O dominó que vesti era errado. / Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. / Quando quis tirar a máscara / Estava pegada à cara. / Quando a tirei e me vi ao espelho / Já tinha envelhecido.»

«Nunca te deixes vencer pelos incompetentes»

Na noite de 27 para 28 de Novembro, sozinho em casa, cai fulminado por uma cólica hepática. Não

é a primeira vez e resiste a ser internado. Um primo médico, que o vem tratando, insiste. «Gentleman» até aonde ainda pode, Pessoa quer ser barbeado antes, e o sr. Manacés vem servi-lo pela última vez. O filho do barbeiro, que ainda hoje mora na Coelho da Rocha, lembra-se de ter subido muitas vezes de manhã com o pai ao 1.º andar do número 16 e ouvi-lo ralar com Pessoa por ter os cinzeiros a abarrotar de beatas, «montes de cinzeiros espalhados por toda a casa». Era uma criança de 3 ou 4 anos, e de pouco mais se recorda. Mas há uma coisa de que o filho do sr. Manacés, hoje com 58 anos, nunca mais se esqueceu: um dia, o poeta pôs-lhe a mão na cabeça a propósito de uma pergunta qualquer que o miúdo lhe tinha feito, e disse-lhe, pausadamente,

uma mesma frase três vezes: «Nunca te deixes vencer pelos incompetentes». Conduzido ao hospital de S. Luís dos Franceses, o pai do Modernismo português alcança à cabeceira três pessoas: o primo médico, um enfermeiro e o capelão. «Considero-me feliz por não ter parentes», murmurará a certa altura. Agoniza. Acabará por tomar consciência de que já não distingue o que vê, e pede os óculos. Gasta nesse pedido as suas últimas palavras, e na véspera escrevera a derradeira frase: «I know not what tomorrow will bring».

No enterro estarão alguns amigos e poucos familiares. Os jornais noticiam com parcimónia a morte do sonhador que prevenira um certo Álvaro de Campos: «Descansa, poucos te chorarão...» É conduzido ao jazigo 4371 da rua I Direita do Cemitério dos Prazeres, para aí

reencontrar a tia maluca, Dionísia, cujo rosto desdentado e fixo fora um dos que primeiro vira debruçar-se sobre o seu berço de bebé. Transformado em mais um discurso morto da Nação, o cadáver deste contemporâneo em negativo de Alves dos Reis para sempre ficará preso às malhas que ele próprio teceu e acaba no Mosteiro dos Jerónimos. Por obra do acaso — que tem causas matemáticas — o enterro do seu último e porventura involuntário confidente, esse barbeiro Manacés, dirige-se para o Cemitério do Alto de S. João no preciso dia e à épica hora em que o corpo de Pessoa é trasladado. Os cortejos chegaram a cruzar-se pelas ruas de Lisboa, mas nunca se encontraram. Está escrito nas tábuas da vida que amigos amigos negócios à parte. E também, o diabo não dorme.

A última morada, em Campo de Ourique, e o Hospital S. Luis dos Franceses para uma morte súbita

